

O caminho do mundo interior em Teresa de Ávila

The Way of the Inner World in Teresa of Ávila

*Renato Kirchner*¹

*Josué Andrade Alves*²

RESUMO

Considerado o texto mais conhecido de Teresa de Ávila como mestra espiritual, *Castelo interior ou moradas* pode ser classificado como um guia de viagem. Conforme o título mesmo sugere, o que o distingue como guia é o rumo a ser tomado e empreendido. Teresa descreve aventuras experimentadas numa rota mais surpreendente e misteriosa: o caminho do mundo interior. Ela escreve como quem já percorreu tal caminho. Quem parte deseja alcançar o termo para aí permanecer. O movimento torna-se claro na estrutura das sete “moradas” do castelo. O texto apresentado aqui possui o intuito de interpretar as estruturas e formas do caminho ao mundo interior e demonstrar as transformações ocorridas na alma ao ultrapassar cada morada, mediante leitura, análise temática, interpretação e síntese da obra e, na medida em que se fizer necessário, pela utilização de comentadores da obra teresiana. A alma disposta a percorrer tal jornada possui um único objetivo, a saber, adentrar ao próprio interior da alma: um castelo. Por que um castelo? Porque nele mora um Rei e, por intermédio da união mística, no matrimônio espiritual, se estabelece a conexão extrema de vontades entre alma e Deus.

PALAVRAS-CHAVE

Mundo Interior; Castelo Interior; Mística Teresiana; Teresa de Ávila.

¹ Coordenador e professor permanente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião e professor na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

² Discente de Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Chile e graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), onde foi bolsista FAPIC/Reitoria.

ABSTRACT

Considered Teresa de Ávila's best-known text as a spiritual master, *Interior Castle* can be classified as a travel guide. As its title suggests, what distinguishes it as a guide is the direction to be taken and undertaken. Teresa describes adventures experienced on a most amazing and mysterious route: the way to the inner world. She writes as one who has come this way. Who wants to reach the term to stay there. The movement becomes clear in the structure of the castle's seven "homes". The text presented here intended to interpret the structures and forms of the path to the inner world and to demonstrate the transformations that have occurred in the soul as it surpasses each dwelling through reading, thematic analysis, interpretation and synthesis of the work and, as necessary, by the use of commentators of the Teresian work. The soul willing to go on such a journey has only one purpose, namely, to enter the very interior of the soul: a castle. Why a castle? Because a King dwells in him, and through mystical union in spiritual marriage establish the extreme connection of wills between soul and God.

KEYWORDS

Inner World; Inner Castle; Teresian mystic; Teresa of Ávila.

Introdução

A literatura teresiana encontra seu ápice de amadurecimento com a elaboração da obra prima *Castelo interior ou moradas*, escrito nos últimos anos de sua vida. Teresa já não era a mesma pessoa! Desde o momento em que começou a obter graças de Sua Majestade e descrevê-las instintivamente, como se evidencia no *Livro da vida*. Este livro apresenta a experiência interiorizada de modo único e pessoal da relação alma-Deus num contexto que aborda todo o itinerário a ser efetuado pela alma para se deleitar com o Rei de eterna luz e grandeza divina.

A obra caracteriza-se por ser um guia de vida mística, um tratado da alma pelo processo de autoconhecimento, exploração de si e entrega total ao sagrado, tendo em vista o encontro com Sua Majestade no interior do indivíduo enquanto fenômeno místico mais genuíno.

No movimento de adentrar em si denota a complexidade da mística teresiana ao elucidar a categoria de união do divino com a alma humana numa relação amorosa de cunho espiritual efetuado com a passagem pelas moradas do castelo. A partir dos encontros ocorridos no interior da alma, questiona-se para desenvolver tal estudo: Como alcançar os caminhos para o mundo interior em meio aos pressupostos eloquentes da mística teresiana? Para isso, faz-se necessário uma leitura atenta para a possibilidade de interpretação da conhecidíssima obra de Teresa: *Castelo interior ou moradas*.

O que distingue Teresa de Ávila de outros autores de sua época diz respeito ao seu estilo de escrita caracterizado por um expressionismo único e de cunho autobiográfico e místico, possibilitando uma espécie de pedagogia para as suas filhas do Carmelo, como também aparece seu ser feminino, evidenciado claramente no decorrer de suas obras em muitos detalhes. Na abordagem aqui proposta pretendemos percorrer as seguintes etapas: 1. Quem foi Teresa de Ávila?; 2. Teresa, a escritora mística; 3. A obra *Castelo interior ou moradas*; 4. As sete moradas do Castelo e as três vias místicas.

1. Quem foi Teresa de Ávila?

Teresa Sanchez de Ahumada, conhecida popularmente como Teresa de Jesus, nasceu na pequena cidade de Ávila, território da Espanha, em 28 de março de 1515. Sua morte data de 4 de outubro de 1582, aos sessenta e sete anos, em Alba de Tormes, Província de Salamanca³.

O meio familiar de Teresa favoreceu o seu percurso de interiorização mística. Seus pais, “tementes a Deus”, buscavam caminhar em conformidade com os ensinamentos da Igreja. Ela retrata o seu pai como “homem de muita caridade” e “compaixão para com os enfermos”, e a mãe uma mulher de “grandíssima honestidade”⁴.

Teresa decide, então, mesmo contrariando a posição de seu pai, ingressar ao Mosteiro Carmelita da Encarnação, em 2 de novembro de

³ BORAU, José Luis Vásquez. *Os místicos das religiões: a mística e o futuro da religião*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 98.

⁴ TERESA DE JESUS, Santa. *Obras completas*. 2. ed. Porto: CCIM, 1978, p. 4-7.

1535, tendo vinte anos de idade. No ano de 1538, Teresa ficou gravemente enferma e seu pai preferiu tratá-la em casa e, mesmo assim, não obteve melhoras, sendo necessário recorrer a uma curandeira nas proximidades de Ávila. Tal fato torna-se fundante para a primeira experiência de Deus realizada por Teresa, pois durante a viagem, antes de chegar ao destino, tiveram de parar na casa de um tio dela e este entregou em suas mãos *Tercer abecedario espiritual*, de Francisco de Osuna⁵, que tinha como evidência a união do homem com Deus.

Aderindo ao modelo de conversão de Agostinho de Hipona⁶ e de Maria Madalena⁷, Teresa busca uma vida de inteira e completa entrega a Deus, num processo de conversão, tendo Cristo como forma de perfeição.

Um dos fatos marcantes presentes em sua vida foi o de ser considerada *reformadora da Ordem do Carmelo* e fundadora de outros mosteiros, estes já constituídos com os desígnios e constituições nos pressupostos da Reforma. Assim, com o propósito de conduzir a vida na em busca do mundo interior e detentora do título de *reformista*, na primavera de 1562, ainda em Toledo, a monja, em obediência, propõe a si mesma elaborar textos e escritos que evidenciam esta nova realidade. Pela condição de ser mulher e monja, porém, foi necessária autorização da Igreja e de seu confessor⁸ e, posteriormente, quando pronto, submeter à avaliação ao seu mestre de vida espiritual na época João de Ávila⁹.

Quanto ao sucessivo reconhecimento pela Igreja Católica de sua grandeza e singularidade, sabemos que, em 24 de abril de 1614, Paulo V

⁵ Frade espanhol que pertenceu à Ordem dos Frades Menores, seguidores da conduta de São Francisco de Assis. Autor da obra *Tercer abecedario espiritual*, considerada de forte influência na literatura mística e espiritual do século XVI e de obra-prima para a espiritualidade franciscana.

⁶ Teresa realizou a leitura assídua das *Confissões* de Santo Agostinho, meio prudente e eficaz no seu caminho de conversão e mudança radical de vida.

⁷ A escolha por Maria Madalena repercute quando Teresa contempla a graça dos que mais estiveram próximos de Cristo. Vale ressaltar a forte referência a São Paulo, Apóstolo, pelo encontro místico de cunho de conversão.

⁸ Teresa busca um padre confessor considerado letrado, ou seja, capaz de orientá-la corretamente sobre os desígnios de Deus em sua vida. Deveria ser um homem com formação e conhecimentos profundos da Igreja e de vivência espiritual.

⁹ Sacerdote, filósofo escolástico e místico espanhol da época de Teresa, sendo um dos primeiros colaboradores na função de direção espiritual da santa. Posteriormente, foi declarado santo e doutor da Igreja Católica.

proclamou Teresa de Ávila beata. Em 16 de novembro de 1617, as cortes espanholas declararam-na patrona de Espanha, sendo que Urbano VIII ratificou isso em 1627. Em 12 de março de 1622, Gregório XV canonicizou-a. Em 18 de setembro de 1965, Paulo VI declara-a patrona dos escritores católicos de Espanha e, finalmente, em 27 de setembro de 1970, o mesmo papa proclama-a doutora da Igreja Católica, sendo a primeira mulher a receber esse título. Hoje é considerada uma escritora clássica da língua espanhola e uma de suas melhores poetisas¹⁰.

Na homilia pela ocasião da proclamação de Santa Teresa de Jesus como Doutora da Igreja, no dia 27 de setembro de 1970, o Papa Paulo VI se expressou assim logo de saída:

Vemo-la aparecer diante de nós como uma mulher excepcional, como uma religiosa que, coberta inteiramente pelo véu da humildade, da penitência e da simplicidade, irradia à sua volta a chama da sua vitalidade humana e do seu dinamismo espiritual, e depois como a reformadora e fundadora de uma Ordem religiosa insigne e histórica, escritora genialíssima e fecunda, mestra de vida espiritual, incomparável na contemplação e infatigável na ação. Como é grande, como é única, como é humana e como é atraente esta figura!¹¹

2. Teresa, a escritora mística

Teresa escreve sempre por obediência a Deus e à Igreja, seguindo as recomendações de seu confessor. Algo que a distingue de outros autores da época está no seu estilo de escrita composto por um expressionismo único de cunho autobiográfico e místico, como também o seu ser feminino, elucidado no decorrer de suas obras pela novidade detalhista que de tal modo provocou reviravoltas na sociedade de escritos literários de sua época.

¹⁰ GUTIÉRREZ, Jorge Luis Rodríguez. A filosofia mística de Teresa de Ávila. *Revista Caminhando*, 2003, p. 143.

¹¹ PAULO VI, Papa. Proclamação de Santa Teresa de Jesus a Doutora da Igreja. http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700927.html. Acesso em 30 de setembro de 2020.

A propósito do uso que aqui fazemos do conceito de “mística”, convém ter presente o que de Rudolf Eisler diz no *Dicionário de conceitos filosóficos* (*Wörterbuch der philosophischen Begriffe*), citado por Luciana Ignachiti Barbosa em sua pesquisa sobre Teresa D’Ávila:

Mística (palavra derivada de *Myô*, fechar os olhos a fim de mergulhar no mundo interior) é a (suposta) apreensão do suprassensível, divino e transcendente (não pelos sentidos, não pela razão, mas) através de uma experiência interior singular, através de uma intuição (intelectual) imediata, de uma contemplação, de uma vivência baseada em sentimento, de uma apreensão amorosa no estado de êxtase, de um esforço por submergir nas profundezas da própria alma para, deste modo, ter parte na união com o ser divino (“*unio mística*”) de forma incompreensível e misteriosa.¹²

Escrevendo por obediência ao seu Criador e com princípios únicos para relatar as suas experiências com Deus, os textos de Teresa não aderem aos requisitos estruturais e formais de escrita da época. Contudo, suas obras ganharam valor de destaque primordial na literatura espanhola, tanto de cunho místico como linguístico, sendo incorporada aos grandes literatos da Espanha.

Cada parte das suas obras apresenta uma sincera realidade de profunda oração e experiência mística¹³ com Deus, visto que, mesmo não

¹² BARBOSA, Luciana Ignachiti. *De amor e de dor: A experiência mística de Santa Teresa D’Ávila*. Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2006, p. 37. Também, num amplo verbete sobre termo “experiência mística”, de Luigi Borriello, podemos ler quanto à origem epistemológica: “O adjetivo *mystikós* provém do verbo grego *myo*, que significa ‘calar-se’, ‘fechar os olhos’; desse significado deriva, em primeiro lugar, *mysterion*, ‘mistério’, no sentido helenístico do termo, isto é, o rito secreto de iniciação que punha o homem em contato com a divindade. Em segundo lugar, deriva *mysteriasmós*, que significa a iniciação do *mystes* (‘iniciado’) no mistério.” BORRIELLO, Luigi. *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2003, p. 399.

¹³ Por experiência mística, percebe-se que a sua definição faz parte da concepção triangular místico, mística e mistério, apresentada por Henrique Cláudio de Lima Vaz, dessa maneira: “situa-se justamente no interior deste triângulo: na intencionalidade experiencial que une o *místico* como iniciado ao Absoluto como *mistério*”, tendo o primeiro como “o sujeito da experiência”, o segundo o “objeto” e a mística como “reflexão sobre a relação místico-mistério”. LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2009, p. 18.

possuindo grandes talentos formais de escrita consideráveis para o seu tempo, seus textos resultam em belo estilo no modo de expor com grandeza uma intimidade natural com o sobrenatural num pensamento formado e clareado pela luz divina.

A constituição originária da escrita teresiana prevaleceu em todo seu conteúdo a partir de sua circunstância histórica muito peculiar. Podemos dizer que é a autora que se apropria de sua experiência, sendo um fenômeno da sua existência histórica enquanto tal, num processo próprio de enxergar o ser religioso na consciência e demonstrar, nos prelúdios concretos textuais, cada sentimento e exigência advinda na participação com o mesmo fenômeno que se apresenta à alma. Sendo considerados escritos de cunho místico, o conjunto da obra teresiana compara-se entre muitos pela sua personalidade fecunda e de aprofundamento vivenciado e destinado para que outras pessoas pudessem realizar a mesma experiência.

Praticamente todos os seus textos tiveram que ser analisados pela Inquisição¹⁴ antes de serem disponibilizados a um público mais amplo. Vale destacar que, apesar do contexto inquisitorial, Teresa confiava na Igreja e ao elucidar seus relatos, realizava-o por obediência à Sua Divina Majestade e com aceitação eclesial a partir dos padres inquisidores.

Entre os escritos de Teresa destacam-se: *Livro da vida*, escrito em Toledo, entre janeiro a junho de 1562; *Constituições*, escrito em São José, entre 1562-1567; *Caminho de perfeição*, escrito em também São José, entre 1562-1567; *Livro das fundações*, escrito em Salamanca e Segóvia, entre 1573-1574; *O castelo interior ou moradas*, escrito em Toledo, entre julho de 1576 a dezembro de 1577.

Em cada texto específico Teresa retrata o crescimento e possível amadurecimento dos sentimentos saboreados e vividos por ela mesma

¹⁴ A conferência rigorosa da obra de Teresa pelos padres inquisidores levou à perda de muitos escritos por acreditarem que ela estava sob a influência do demônio e não da presença divina. Disso decorrem também longos julgamentos e pressões psicológicas para que a mesma pudesse parar de escrever e deixar de explorar suas experiências principalmente no meio público, porém, a implicação humana não a evitou de escrever, pois, como afirma Teresa no prólogo do *Castelo interior ou moradas*: “Entre as ordens que tenho recebido da obediência, poucas se me afiguram tão difíceis como a de escrever agora sobre assuntos de oração. TERESA DE JESUS, Santa. *Castelo interior ou moradas*. 14. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 14.

nos seus contatos com a presença divina revelada em seu íntimo. A obra *O castelo interior ou moradas* – tomado aqui como texto-base para o presente artigo – foi escrita num dos momentos de maior maturidade, tanto pessoal como espiritual de Teresa, pois tendo a forma de guia de encontro espiritual pelo caminho do mundo interior, revela-se nele um contexto novo, mas seguindo a mesma linha já expressa e experimentado corporal e espiritualmente em seus escritos anteriores.

3. A obra *Castelo interior ou moradas*

Ao estabelecer o caminho para o mundo interior, Teresa apresenta a “alma como um castelo, feito de um só diamante” e “assim como no céu há muitas moradas”¹⁵, ocorre o mesmo no castelo-alma. Na certeza de ser um edifício repleto de luz, Teresa define-o como *iluminado*, pelo pressuposto do mesmo ser constituído do ato criador da presença divina, habitando em seu centro o Rei de eterna luz e grandeza celeste no qual a luminosidade é tão imensa que se torna semelhante à do sol.

Ela se questiona: como adentrar ao castelo? Qual sua porta de entrada? A resposta de Teresa é concreta e reta, pois afirma que o único modo de alcançar o acesso é através da oração fecunda e verdadeira prática da meditação e/ou contemplação, pois é na quietude e no silêncio que podemos encontrar a Deus, ou seja, pelo recolhimento contemplativo¹⁶.

O castelo difere em suas estruturas externas e internas. As primeiras referem-se às extremidades corporais, sendo as muralhas que envolvem o castelo, ou seja, tudo aquilo que está fora do ser, desde a própria formação biológica bem como a realidade social. Já as segundas constituem a alma do indivíduo, a essência de sua humanidade, que possibilita o contato direto com Deus, pois somente no íntimo do seu ser – a alma – encontra-se o caminho para esta junção. Em *Psicologia e vida mística*, Léon Bonaventure escreve:

A alma surge como sinônimo do “mundo interior” do homem, daquilo que está dentro de nós mesmo, e é nesse sentido que Teresa

¹⁵ TERESA DE JESUS, 2008, p. 19.

¹⁶ TERESA DE JESUS, 2008, p. 23.

a opõe ao corpo. O homem pode ser considerado assim, como tendo dois aspectos diferentes: de um lado, sua exterioridade, seu corpo, simbolizado pelo fosso do castelo, e, de outro lado, interioridade, a alma que corresponde ao interior do castelo. [...] A exterioridade e a interioridade correspondem a dois aspectos diferentes de uma mesma e única realidade¹⁷.

Percebe-se uma antropologia teresiana para descrever a estrutura do castelo-alma na conjectura da formação do ser humano. O homem neste aspecto é corpo, as redondezas exteriores, e alma, a interioridade e local de onde provém todo o contato de ordem mística com o divino. Desse modo, caracteriza-se um dualismo do homem corpo-alma apenas aparente, em que o corpo será o espaço da presença divina, ou seja, concebe-se o homem constituído pela alma como “coisa criada”¹⁸ por Deus.

Convém salientar, portanto, que no dualismo teresiano não há separação, mas apenas uma possível distinção entre estruturas. A alma é o que anima o corpo, fornece vida à matéria, “é una, forma um todo”. Em tal meio existe tão somente uma distinção pequena entre “alma e espírito”, mas, como afirma Teresa, verifica-se que “uma e outro atuam de modos diversos, conforme o sabor que o Senhor lhes confere”¹⁹.

4. As sete moradas do Castelo e as três vias místicas

Teresa estabelece na edificação do castelo a quantia de sete moradas. Cada morada possui uma característica diferente e os acontecimentos advindos em seus espaços possuem notável fundamento para realizar o trajeto, contendo as vicissitudes, visões, graças, entre outros meios apresentados pela autora através de comparações, semelhanças ou metáforas.

José Luis Vásquez Borau aponta a divisão das sete moradas em três vias complementares, sendo que “as três primeiras moradas correspondem à primeira etapa de vida espiritual, a via purgativa; as três seguintes

¹⁷ BONAVENTURE, Léon. *Psicologia e vida mística*: contribuição para uma psicologia cristã. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 83.

¹⁸ TERESA DE JESUS, 2008, p. 20

¹⁹ TERESA DE JESUS, 2008, p. 233.

correspondem à via iluminativa; e a sétima e última à via unitiva”²⁰. Tais descrições possibilitam percorrer e interpretar a obra apresentando as vicissitudes no percurso até o encontro nupcial com a Sua Majestade na última morada do castelo.

A via purgativa

Na primeira morada, Teresa afirma ser fundamental “entrar no aposento do conhecimento próprio”²¹, o que só é possível se acompanhado do conhecimento de Deus, sendo necessário ir ao mais íntimo de si, pois lá habitará Sua Majestade. Nos primeiros aposentos há milhares de salas e milhares de almas que entram instantaneamente, mas neste estado ocorrem em maior grau as mais diversas tentações e insurgências do Maligno com pensamentos e atos que levam ao pecado.

Nas segundas moradas existe uma maior proximidade nos “chamamentos e convites diversos que faz o Senhor”²² à alma. Mesmo ultrapassando outra porta, continua ainda na via purgativa, porém, com maior grau de perseverança, pois Sua Majestade está mais perto e a visionária alma busca incansavelmente ir ao seu encontro.

Em continuidade de oração, perseverança e autoconhecimento, a alma estaciona-se no último momento da sua purgação, que são as terceiras moradas. Teresa dá a entender que, ao elevar-se a esta altura, a alma apodera-se com maior segurança no caminho iniciado e aponta como destaque o exercício concreto das “obras de caridade para com o próximo”²³.

Pela complexidade que envolve as três primeiras moradas, Rosa Rossi afirma que ao seguir todo este caminho de purgação, o indivíduo deverá cultivar “a obra de superação e destruição do ‘eu’ encouraçado e mundano, do sentimento mortífero de ser possuído pelas coisas e pelas pessoas, até chegar à oração de recolhimento”²⁴. O aprimorar desta

²⁰ BORAU, 2012, p. 98.

²¹ TERESA DE JESUS, 2008, p. 31.

²² TERESA DE JESUS, 2008, p. 42.

²³ TERESA DE JESUS, 2008, p. 56.

²⁴ ROSSI, Rosa. *Teresa de Ávila: biografia de uma escritora*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988, p. 196.

destruição de si perpassará dois polos fundantes: o autoconhecimento e a atividade da caridade com o próximo.

Teresa, em meio aos acontecimentos de sua época, isto é, com as reformas monásticas, adotando novo estilo de vida, apodera-se dos princípios da caridade e indica este como modelo fixo para as almas que desejam alcançar graças por via sobrenatural de Deus, pois, segundo ela, na arte da “desnudez e despojamento de tudo, não há dúvida: alcançará o que pretende. Mas há de ser com a condição – e guardarei bem este meu aviso – de se considerar servo inútil, como disse São Paulo ou Cristo”²⁵.

Há uma medida única e não há de realizar muito, sendo tão somente necessário fazer o pouco, restaurando a ligação possivelmente perdida entre alma-Deus no caminho iniciado como também tornará ponto culminante para saída e elevação às demais moradas, ao passo que, quando a alma se dispõe ao despojamento, fica como que liberta de si mesma, possibilitando a subida aos “aposentos superiores”²⁶, pois sem isso ficará estagnada como muitas almas que não conseguem doar-se por inteiras e se desnudar diante dos bens materiais.

A via iluminativa

Aqui a sequência do texto concentra-se nas quartas, quintas e sextas moradas. Estas são constituídas pelas instâncias que fomentam o fenômeno místico da aproximação da alma com Deus, através dum estado de oração em grau elevado que possibilita a recepção dos “favores sobrenaturais”²⁷ de Sua Majestade.

Ao retomar a escrita neste âmbito, Teresa já não se encontrava em perfeito estado de saúde, tanto física como mental, algo visível no desordenamento na composição da quarta morada, pois ao voltar à redação após um tempo parada, ela afirma incisiva: “Valha-me Deus! No que fui me meter! [...] Como tenho pouca memória e não posso reler o que escrevo, tudo vai desacertado”²⁸.

²⁵ TERESA DE JESUS, 2008, p. 58.

²⁶ TERESA DE JESUS, 2008, p. 65.

²⁷ TERESA DE JESUS, 2008, p. 71.

²⁸ TERESA DE JESUS, 2008, p. 80.

O grau de oração a que a alma se submete neste momento da jornada é a “oração de quietude”, provinda dos “gostos de Deus”²⁹. Para descrevê-lo, Teresa emprega a seguinte metáfora e ressalta a diferença entre os gostos e contentamentos: “De modo diferente são abastecidos esses dois reservatórios. Um recebe água de longe, através de aquedutos feitos por mãos humanas. O outro, feito na própria nascente, vai-se enchendo sem ruído. [...] Na outra fonte, a água vem de sua própria nascente, que é Deus³⁰.”

A esta altura da jornada, os gostos de Deus originam-se do próprio manancial divino. A alma começa agora a receber as graças do alto, já ultrapassou muitas das barreiras do castelo, pois, os gostos brotam do mais íntimo da grandeza divina e a alma tende a recepcioná-los para conhecer e frutificar aquilo que Sua Majestade implica.

Assim, com o passar do tempo, a alma vai percebendo mudanças no seu cotidiano e, muitas das vezes, “não pode compreender as graças que então lhe faz o Senhor e o amor com que ele vai chegando para junto de si, sem logo desejar saber como se alcançam tais favores”³¹. Por isso, necessita da iluminação divina para esclarecer a aquisição do entendimento proferido por via celestial.

Os favores espirituais e sobrenaturais fecundam-se concretamente a partir das quintas moradas, pois a busca pelo tesouro perdido neste novo âmbito deverá ser inscrita por meio da vontade de união com Deus, ou seja, uma união de vontades de âmbito místico, a divina, por querer deixar-se conhecer e se fazer morada plena no mais íntimo da alma como centro luminoso e a vontade da alma, por estar em itinerário para comunhão plena com Deus.

Com efeito, a união mística apresentado por Teresa acontece mediante arroubamentos, pelo despertar da alma por instantes de intensa oração e entrega, deixando-a sem direito de negação, pois é o próprio Deus que a chama. Não se caracteriza como elevação terrena, mas uma retirada da alma para dentro de si.

Através deste processo ocorrem os primados da união mística e “durante o pouco tempo em que dura a união, a alma fica verdadeiramente

²⁹ TERESA DE JESUS, 2008, p. 80.

³⁰ TERESA DE JESUS, 2008, p. 81.

³¹ TERESA DE JESUS, 2008, p. 84.

como fora de si, sem sentidos”³². Este “fora de si” não remete à saída da alma do seu corpo físico, mas o adentrar ao mais profundo do seu interior, percebendo-se como puro espírito.

Teresa descreve tal situação afirmando com clareza o roubo executado por Deus, levando a alma inteiramente consigo, sem permissão, evidenciando a total submissão da alma ao Senhor. Trata-se de um roubo de si em si mesma para dentro de si, ou seja, Deus rouba a sua alma inteiramente para ele e ela, na pequenez, fica inteiramente como morta para o mundo.

Neste conjunto de fatores, não há esforço físico humano e/ou espiritual capaz de impedir tanto bem, pois a alma perde todas as forças corporais devido à grandeza da potência avassaladora cometida no roubo de si, pelo fator dela não ser “o sujeito da ação, pois não entra por si mesma. Ela vem introduzida ali por seu Amado. Teresa indica, aqui, que o ser humano, por mais que se esforce, não é o sujeito do processo, pois é Deus, e somente Deus, quem possibilita esta imersão no centro da alma”³³.

Na instância de arroubamento, a alma pode questionar-se se foi algo verdadeiro ou fruto de sua imaginação, como também se não foi uma tentação vindoura do demônio. Contudo, pela grandeza da virtude e paz recebida, afirma verdadeiramente: “voltando a si, de nenhum modo duvidava de que esteve em Deus e Deus nela”³⁴.

Noutro vértice explicativo de tal fenômeno, Teresa utiliza-se da metáfora do bicho-da-seda³⁵, pois, no ato de encobrir-se desta lagarta, ela fica como se estivesse fora do mundo, mas, ao mesmo tempo, estando no mundo, acontece o processo de transformação a fim de adquirir vida nova. Semelhantemente, a alma, nos instantes de arrebatamento, passa por situação similar e, ao voltar a si, percebe tamanha diferença como a que acontece na transmutação do bicho-da-seda para a forma de borboleta.

³² TERESA DE JESUS, 2008, p. 101.

³³ TEIXEIRA, Faustino. As moradas de Teresa. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v. 76, n. 301, jan.-mar. 2016, p. 76 e p. 99.

³⁴ TERESA DE JESUS, 2008, p. 104.

³⁵ O bicho-da-seda é a larva ou lagarta da mariposa doméstica *Bombyx mori* (em latim “bicho-da-seda da amoreira”). Trata-se de um inseto importante, por ser um produtor primário da seda. A comida preferida do bicho-da-seda é a amoreira branca.

Nas sextas moradas, Teresa apresenta outro meio que retrata a virtude do despertar da alma. No primeiro relato ela descreve que, “muitas vezes, estando a pessoa descuidada, sem se lembrar de Deus, Sua Majestade a desperta como se fosse um meteoro ou estrela cadente, que passa repentinamente, ou um trovão, sem ruído”³⁶. É o próprio Deus que a chama e a alma escuta ansiosamente aderindo à voz que a leva para junto daquele que a criou.

Numa passagem do *Livro da vida*, Teresa mesma relata:

[...] via um anjo ao pé de mim, para o lado esquerdo em forma corporal, o que não costumo ver senão por maravilha. [...] nesta visão quis o Senhor que o visse assim: não era grande, mas pequeno, formoso em extremo, o rosto tão incendiado que parecia dos anjos mais sublimes que parecem todos se abrasam. [...] Via-lhe nas mãos um dardo de oiro comprido e no fim da ponta de ferro me parecia que tinha um pouco de fogo. Parecia-me meter este pelo coração algumas vezes e que me chegava às entranhas. Ao tirá-lo, dir-se-ia que as levava consigo, e me deixava toda abrasada em grande amor de Deus.³⁷

O episódio descrito acima refere-se à força incisiva de Deus sobre a alma, ao introduzi-la no centro de si mesma, beneficiando-a com as mais altas graças amorosas no ato de revelar seu amor próprio. Entretanto, o relato afirma que com a introdução da flecha incandescente pelo anjo incandescente propicia fortes dores corporais, às quais a alma sente em todos os momentos da penetração, porém, no conjunto de dor e angústia, sente ao mesmo tempo enorme prazer ao ser beneficiada com tamanha pureza, elevando-a no estado de puro êxtase.

Ao ponderar sobre o contato direto de Deus com a alma em tal episódio, Elisabeth Reynaud, em seu livro *Teresa de Ávila ou o divino prazer*, afirma: “as primeiras flechadas recebidas torturam-na quando tenta arrancá-las, mas basta que submeta à posição que exigem, ou seja, a posição de contemplação, para que lhe proporcionem uma verdadeira volúpia espiritual. Neste estado sua inteligência de nada vale”³⁸.

³⁶ TERESA DE JESUS, 2008, p. 143.

³⁷ TERESA DE JESUS, 1978, p. 246.

³⁸ REYNAUD, Elisabeth. *Teresa de Ávila ou o divino prazer*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 115.

Neste estágio, a alma entra em estado de êxtase pela junção humano-divino, já não consegue mais suportar tamanha imensidão calada, geme de dores e prazeres imensuráveis, dos quais ocasiona no mais forte gozo místico que ultrapassa todo e qualquer limite humano, sente Deus nela e ao mesmo tempo ela em Deus, sendo a verdadeira união de vontades. Os êxtases acometidos são puros e completos, nada consegue segurá-la quando ocorre, é de tal intensidade o contato que a alma perde o fôlego pelo fato de não conseguir mais resistir, sendo incapaz de lutar, pois em vão seria a luta contra a soberania da Sua Majestade.

Teresa mesma descreve este momento da jornada assim: “a alma favorecida tem consciência de tudo. Não é coisa que se possa imaginar, nem adquirir com todas as nossas diligências. É que não é do nosso metal e sim do puríssimo ouro da sabedoria divina”³⁹. Em nenhum momento a autora foge desta conexão e afirma instantaneamente a consciência da alma nestes estados.

O êxtase relatado parte dela mesma, que experimentou todas as delícias advindas do Criador, os incontáveis encontros de amor, as mais altas loucuras de uma paixão avassaladora, o sentimento puro de encontrar-se na presença de uma chama que não se apaga e a queima profundamente, podendo até dilacerá-la no mais profundo das suas entranhas, mas, ao mesmo tempo, torna-se um desejo incontrolável e uma sede incessante de beber desta fonte de água viva.

É notável nos escritos de Teresa a semelhança com algum pressuposto erótico, mas em tal vínculo não se elucida em comum escala o corpóreo, pois somente a alma se eleva e o corpo tem a possibilidade de sentir os prazeres de seu interior. A autora rejeita tamanha mediocridade e escreve como alguém que discerniu e conseguiu equilibrar-se para não cair na tentação do sensualismo humano e sim de afirmar a grandeza de um contato puramente místico.

Desse modo, é possível dizer que a alma caminha ao encontro a si mesma, onde a propriedade corporal possui certamente uma relevância neste próprio percurso trajeto. É neste sentido que podemos ler no artigo “Teresa de Ávila, testemunha do mistério de Deus”, de Lúcia Pedrosa de Pádua:

³⁹ TERESA DE JESUS, 2008, p. 83.

Teresa não invisibiliza o corpo. Ela o considera e respeita, em seus limites e em sua saúde. A dimensão corpórea está relacionada com a dimensão psicológica. Ele não é realidade independente; tampouco é uma dimensão totalmente realizada. [...] Na obra teresiana, o corpo é um corpo que sente, aberto ao mundo pelos sentidos, acostumado a ver, ouvir, sentir. Teresa é mulher habituada a contemplar, e esta contemplação é caminho de interiorização⁴⁰.

Na aglomeração dos acontecimentos de raptos e encontros cada vez mais frequentes, “quando apraz ao Senhor, acontece sentir-se a alma suspensa de repente, estando em oração e em seus sentidos. O Senhor lhe dá a entender então grandes segredos de tal forma que ela tem a impressão de os ver no próprio Deus”⁴¹, ou seja, por intermédio de visões intelectual e imaginária, a alma retrata os desígnios e partes da sabedoria celeste. No primeiro caso, Deus comunica-se com a alma pelo intelecto, podendo perdurar durante dias e, mesmo sem poder compreender a totalidade da visão, a alma consegue evidenciar os desígnios necessários para sua existência, entre eles, a humildade. No segundo caso, recorre às imagens que o Senhor utiliza para demonstrar à alma sua fração de humanidade, sendo possível visualizá-lo somente com os olhos da alma. Deus se apresenta e se revela na visão humanizada de Jesus Cristo.

Teresa apropria-se do símbolo do matrimônio para elucidar o nível de contato que o Senhor possui com a alma antes de desposá-la por completo nas núpcias celestiais. Como uma virgem que se prepara para o casamento, a alma vai se fortificando e constituindo-se da graça de Deus. O primeiro encontro é proferido com os momentos iniciais das primeiras moradas. E, após um estado de enamoramento, a alma fica noiva à espera do matrimônio espiritual⁴².

⁴⁰ PÁDUA, Lúcia Pedrosa de. Teresa de Ávila, testemunha do mistério de Deus. *Perspectiva Teológica*, v. 35, n. 96, 2003, p. 182-183.

⁴¹ TERESA DE JESUS, 2008, p. 213.

⁴² Segundo Stefano Possanzini, o “matrimônio espiritual”, na medida em que “se realiza na pessoa do Cristo, identificada com a aliança que une Deus e o povo”. Em outra perspectiva, referindo-se à mística teresiana, o autor fala da elevação da alma “ao mais alto grau de comunhão possível a uma criatura humana nesta terra” com o divino, uma união perfeita “porque Deus torna a alma participante de seus segredos.” POSSANZINI, Stefano. *Dicionário de mística*, 2003, p. 683-685.

Contudo, há ainda uma diferença entre o noivado e matrimônio. No matrimônio espiritual, a pessoa nem se lembra mais do corpo. É como se a alma estivesse separada dele e fosse unicamente espírito, ou seja, a união toma uma intensidade de concretude nas moradas finais, que a pessoa estará em total plenitude unitiva com o divino, não havendo chance de separação como ocorre com o noivado. Com efeito, a união de cunho místico se dará na última morada deste castelo.

A alma caminha no fim da via iluminativa em sentimentos de morte com o intuito de aproximar-se concretamente da Sua Majestade numa perfeição única, porém, possui a necessidade do sofrimento, mas pelo viés do amor, assim como o Cristo sofreu na cruz, pois, “ainda que este fenômeno dure pouco, deixa o corpo desconjuntado”⁴³, visto que ninguém na terra ou no céu, além do Criador, consegue acalantar o coração, tais tormentos irão finalizar o processo de purificação da alma para concretizar o seu noivado e futuro matrimônio espiritual.

A via unitiva

Lançada numa condição da qual não existe possibilidade de afastar-se do Criador, a alma ultrapassa todas as barreiras e vicissitudes dispersas no castelo, já não é mais noiva, sendo agora ela mesma esposa, pois, na última morada “Ele já tomou sobrenaturalmente por sua esposa. Antes de consumir o matrimônio espiritual, a introduz em sua morada, que é a sétima”⁴⁴.

Neste grau de elevação, a alma desprende-se gradativamente de seus sentidos, não tem mais controle de si, pois é o próprio Deus que a desposa, o Senhor aparece para ela “não em visão imaginária, mas intelectual, de forma ainda mais delicada que nas outras”⁴⁵. Assim, acontece o matrimônio espiritual, fenômeno místico aguardado para findar com as núpcias reais no centro do castelo.

A mística teresiana desdobra-se neste meio num ápice de completa profundidade. É Teresa mesma quem experimentou estar totalmente na

⁴³ TERESA DE JESUS, 2008, p. 219.

⁴⁴ TERESA DE JESUS, 2008, p. 228.

⁴⁵ TERESA DE JESUS, 2008, p. 235.

posse de Sua Majestade. A alma chega então ao tão esperado fenômeno místico por meio do deleite nas núpcias reais com Rei de eterna luz e grandeza divina, e eleva-se ao principado celeste tornando-se um com Ele pela junção de vontades.

Os efeitos advindos na alma participante da união possuem tamanha grandeza que o próprio Deus se apresenta na Trindade, “deixando a alma no estado de puro espírito, apta a se juntar com o Espírito increado, nesta união celestial”⁴⁶. Não haverá dádiva maior da qual se possa participar como a união mística com Sua Majestade.

As consequências e os fins favorecidos à alma que consegue realizar todo o trajeto concretizam-se para além das alegrias, gozos e graças recebidas pelo divino, pois, “eis a finalidade deste matrimônio espiritual: que dele nasçam obras, sempre obras!”⁴⁷. Neste sentido, é a própria Teresa que incita a prática contínua e ininterrupta da caridade.

Considerações finais

O percurso almejado pela alma que deseja adentrar a si mesma é formado por demasiados desatinos e vicissitudes desde as tentações sofridas pelo demônio na via purgativa até os momentos de fraqueza humana no contato com Sua Majestade. Porém, através do grau de sintonia com o divino, a alma irá vivenciar tais meios com a força da oração e entrega interior, conseguindo ultrapassar cada obstáculo para experimentar aquilo com que o Senhor lhe agradecerá na última morada do castelo.

Teresa aponta tal percurso como aquele em que se realizou a virtude máxima no contato de união mística com Deus. A mística teresiana desdobra-se como ápice de completa profundidade na submissão da alma a Deus. Teresa mesma experimentou estar totalmente na posse de Sua Majestade, chegando ao tão esperado fenômeno místico da união alma-Deus em matrimônio espiritual, ocasionando no deleite das núpcias reais com Rei de eterna luz e grandeza divina na última morada do castelo.

⁴⁶ TERESA DE JESUS, 2008, p. 239.

⁴⁷ TERESA DE JESUS, 2008, p. 254.

A experiência mística realizada por Teresa de Ávila concretiza-se com o passo mais importante, a realização de obras, pois o seu contato com o divino ultrapassou o campo contemplativo para o do trabalho, em que o fenômeno do recolher-se no silêncio ganha vozes para além do centro da alma, resultando na prática de caridade com os outros. Do mesmo modo que fez o próprio Cristo, pois a alma favorecida com as graças divinas, não se permite ficar estagnada, uma vez que o Senhor a insere em outro âmbito de vida, já não pertence mais a si mesma e, sim, ao Criador.

Referências

- BARBOSA, Luciana Ignachiti. *De amor e de dor: A experiência mística de Santa Teresa D'Ávila*. Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2006.
- BONAVENTURE, Léon. *Psicologia e vida mística: contribuição para uma psicologia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BORAU, José Luis Vásquez. *Os místicos das religiões: a mística e o futuro da religião*. São Paulo: Paulus, 2012.
- BORRIELLO, Luigi. Experiência mística, em *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2003, p. 399-410.
- GUTIÉRREZ, Jorge Luis Rodríguez. A filosofia mística de Teresa de Ávila. *Revista Caminhando*, v. 8, n. 1, p. 127-157, 2003.
- PÁDUA, Lúcia Pedrosa de. Teresa de Ávila, testemunha do mistério de Deus. *Perspectiva Teológica*, v. 35, n. 96, p. 155-186, 2003.
- PAULO VI, Papa. Proclamação de Santa Teresa de Jesus a Doutora da Igreja. http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700927.html. Acesso em 30 de setembro de 2020.
- POSSANZINI, Stefano. Matrimônio espiritual, em *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2003, p. 683-685.
- REYNAUD, Elisabeth. *Teresa de Ávila ou o divino prazer*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- ROSSI, Rosa. *Teresa de Ávila: biografia de uma escritora*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

TEIXEIRA, Faustino. *As moradas de Teresa*. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v. 76, n. 301, p. 75-109, jan.-mar. 2016.

TERESA DE JESUS, Santa. *Castelo interior ou moradas*. 14. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

_____, Santa. *Obras completas*. 2. ed. Porto: CCIM, 1978.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

Submetido em: 09/01/2020

Aceito em: 03/12/2020